

Lingüística, Lingüística Aplicada e Análise do Discurso em um estudo na fronteira com a História e as Ciências Sociais

Manoel Luiz Gonçalves Corrêa

Como citar: CORRÊA, M. L. G. Lingüística, Lingüística Aplicada e Análise do Discurso em um estudo na fronteira com a História e as Ciências Sociais. *In:* CARRARA, K. (org.). **Educação, Universidade e Pesquisa**. Marília: Unesp Marília Publicações, 2001. p. 91-112. DOI: <https://doi.org/10.36311/2001.85-86738-16-6.p91-112>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

LINGÜÍSTICA, LINGÜÍSTICA APLICADA E ANÁLISE DO DISCURSO EM UM ESTUDO NA FRONTEIRA COM A HISTÓRIA E AS CIÊNCIAS SOCIAIS

Manoel Luiz Gonçalves CORRÊA¹

Introdução

Tomamos como um primeiro objetivo deste trabalho a apresentação de um percurso histórico que possa situar o processo de autonomização da Lingüística como disciplina científica e sua crescente inter-relação com outras disciplinas científicas. Trata-se, naturalmente, apenas de um percurso, pois outras relações e outros fatos poderiam ser destacados para descrever esse processo. Um segundo e último objetivo é exemplificar essa inter-relação a partir de uma pesquisa transdisciplinar, envolvendo pesquisadores ligados à Lingüística, Lingüística Aplicada, História e Sociologia.

1 Um pouco de historia²

Uma das mais alentadas qualidades da Lingüística foi e, em certo sentido, ainda é a sua cientificidade. A história quase oficial a respeito da constituição da Lingüística como ciência é a que liga Saussure a Durkheim e, indiretamente, a Comte. Essa vinculação da Lingüística à Sociologia de Durkheim parece não ser, porém, o primeiro e único momento em que Lingüística e Ciências Sociais se avizinham de algum modo.

Em texto de 1969, Foucault lembra que a vinculação da Lingüística com as ciências sociais data de pelos menos dois séculos atrás. Segundo o autor, já no século XVIII, D'Alembert, em seu discurso sobre a Encyclopédie,

¹ Universidade de São Paulo - USP

² Retomo, neste e em outros pontos deste trabalho, algumas observações feitas em trabalho anterior (cf. Corrêa, 1999).

explica que, se ele havia feito um dicionário nos moldes da análise de uma língua, tinha sido porque ele queria construir um monumento que pudesse permitir às gerações futuras conhecer o que haviam sido os costumes, os conhecimentos, as técnicas do século XVIII. Esse procedimento caracteriza, segundo Foucault, a tomada da ciência da linguagem como uma forma ou um conteúdo de conhecimento. A aproximação entre os fatos de língua e os fatos de cultura são, nesse caso, bastante evidentes.

Ainda mais claramente, os estudos lingüísticos do início do século XIX mostram o avanço metodológico da ciência lingüística em relação às outras ciências humanas. Sabe-se que, pela comparação entre línguas, os lingüistas de então buscam a reconstituição de uma língua-mãe (o indo-europeu), partindo de traços das línguas documentadas na direção do passado dessas línguas. Esse estudo se deu pela comparação do grego e do latim com a descrição do sânscrito, que tinha sido feita muito antes – entre os séculos V e III a.C. pelo hindu Panini –, mas que só no início do século XIX tinha sido divulgada na Europa. Há, nesse movimento em direção ao passado, a idéia de uma língua originária comum a todas as línguas das principais culturas clássicas (o sânscrito, o grego e o latim). Pode-se, pois, observar, nesse trabalho de comparação, um princípio de generalização de traços em direção a um constructo, que seria o indo-europeu. Esse método comparativo de reconstituição, voltado para o estudo de línguas *mortas*, mostra, portanto, que a ciência lingüística, desde seus primórdios, dispunha de um método científico de análise, fato que já a colocava num plano de elaboração formal muito avançado em comparação com o trabalho de outras ciências humanas. Além do método, pode-se também observar o interesse na explicação das diferentes culturas, fato que, uma vez mais, aproxima os fatos de língua aos fatos sociais e históricos.

No decorrer do século XIX, com os chamados neogramáticos, os estudos comparativos dirigiram seu olhar para o presente e a comparação entre línguas vivas passou a ser o objeto de seu estudo. Influenciada pelas ciências naturais, a Lingüística de então propôs leis fonéticas de evolução de uma língua, ao lado do estudo da organização social que teria dado em certa organização do vocabulário.

O lingüista, munido de um método comparativo voltado agora para línguas particulares, passava a observar a relação entre língua e sociedade e dava, assim, mais um passo na direção de outras ciências humanas.

Desse modo, no que se refere ao papel de Saussure no começo deste século, parece que o grande impulso saussuriano para a constituição da Lingüística como ciência foi o de somar à capacidade generalizadora da gramática comparada do início do século XIX – a busca de um constructo teoricamente possível para a reconstituição do indo-europeu – uma nova perspectiva científica, construída a partir da atribuição aos fatos de língua de uma ordem própria, inspirada numa outra ordem que, na época, já era atribuída aos fatos sociais. Essa influência, atribuída ao positivismo de Comte, via Durkheim, é, como dissemos, a história mais corrente sobre a constituição da Lingüística como ciência, embora grande parte do método científico da Lingüística já tivesse nascido dois séculos antes dos ensinamentos de Saussure.

Centrando-nos no papel de Saussure, ele mesmo um lingüista que se formou nos estudos históricos sobre a língua, interessa-nos ressaltar a idéia de totalidade atribuída à língua como objeto de estudo da Lingüística. Essa totalidade sistêmica, como produto da ordem atribuída aos fatos de língua, permitiu imaginar um objeto autônomo e homogêneo, fato que foi determinante não só para a existência da Lingüística como ciência neste século, mas também – em alguns dos seguidores de Saussure – para a sua presumida independência como disciplina científica.

As conseqüências teóricas dessa construção de um objeto para a ciência Lingüística foram inúmeras. Às escolhas teóricas positivamente afirmadas corresponderam, pela negação, inúmeras exclusões. Destacamos, em primeiro lugar, algumas dessas escolhas para, em seguida, abordarmos as exclusões correspondentes. É interessante lembrar que essas escolhas, centrais no desenvolvimento da Lingüística neste século, provêm de uma certa leitura dos ensinamentos de Saussure. Eis algumas delas:

- 1 a proposição de um corte no curso da história e o conseqüente privilégio de um estado de equilíbrio relativo da língua, constatável numa sincronia.
- 2 a ênfase na construção da língua pela coletividade, fato que marcaria uma ordem própria da língua, caudatária do caráter social da língua - e da ordem social positiva - como um registro fixado igualmente na memória dos falantes;
- 3 a proposição de um sistema de signos assentado nas relações internas que essas unidades básicas da língua manteriam no interior desse sistema, recurso através do qual os signos ganhariam um valor a partir de suas relações internas ao sistema;
- 4 a consideração da língua como uma instituição social entendida como um meio para se chegar a um certo fim, a saber, a língua como meio dirigido ao fim da comunicação no interior de um grupo humano;
- 5 a proposição de uma lingüística da língua que teria como preocupação o estudo desse sistema autônomo e homogêneo, tomado como produto do trabalho coletivo do homem; e finalmente
- 6 a proposição de uma disciplina científica - uma lingüística interna -, em que se poderia observar - livre de qualquer injunção exterior - o funcionamento interno daquele sistema.

No que se refere às exclusões que corresponderam a essas escolhas teóricas, temos:

- 1 uma desatenção ao caráter dinâmico da língua e das mudanças no curso da história, especialmente entre vários dos seguidores de Saussure que leram, na sincronia, a impossibilidade de observar as condições estabelecidas para as mudanças lingüísticas;
- 2 a desconsideração das variações locais próprias dos indivíduos e dos grupos, que, marcados por temporalidades e símbolos particulares - muitas vezes conflitantes - compõem uma sociedade mais pelo conflito do que pelo acordo, opção teórica que, se considerada, poderia fazer ruir a suposta homogeneidade do sistema da língua;
- 3 a desconsideração de fatores de ordem externa, atuantes nas relações internas

- dos signos, cuja ação, se considerada, poderia fazer ruir a autonomia do sistema;
- 4 a descon sideração de uma noção de instituição social que vinculasse o funcionamento da língua à sobreposição conflitiva de práticas sociais ligadas a mecanismos de poder e sobre as quais poder-se-ia observar também seu funcionamento, mas cuja consideração levaria ao abandono da idéia de instituição como uma entidade pensada para um fim específico, aquele da comunicação pacificamente conseguida por uma coletividade abstratamente concebida;
 - 5 a exclusão de uma lingüística da fala que teria como preocupação a ação do indivíduo e dos grupos no interior de uma sociedade, fato que, se considerado, levaria não só à consideração da heterogeneidade conflitiva registrada na língua, mas também à consideração do curso da história, de onde esses indivíduos e grupos tomam para si a sua temporalidade e seus símbolos específicos;
 - 6 a exclusão de uma disciplina científica que se definisse como uma lingüística externa, em que fatores geográficos, sócio-econômicos e políticos intervissem de forma determinante no modo pelo qual o sistema da língua é posto em prática.

No entanto, a ênfase no método científico; seu avanço, nesse aspecto, em relação às outras ciências humanas; e o parentesco de natureza filosófica entre a ordem da língua e a ordem social, que, no momento de seu aparecimento como ciência, deram base à constituição da Lingüística como disciplina científica, têm tomado, no decorrer deste século, um aspecto até certo ponto paradoxal.

Talvez porque o parentesco entre fato de língua e fato social tenha sido cada vez mais reconhecido como de natureza processual, já há algum tempo uma nova totalidade, desta feita instável e baseada na heterogeneidade ordenada da língua, parece supor - e atualmente com muito mais força - um contato entre fronteiras disciplinares. Essa aproximação entre os dois tipos de fatos pode ser constatada nas várias formas de incorporação dos fatos sociais

ao tratamento dos fatos de língua.

No interior mesmo da Lingüística, têm-se processado, na segunda metade deste século, diversas mudanças. Segundo Castilho (1998, p. 12):

A Lingüística tem oscilado entre ... dois pólos, ora destacando a língua como um enunciado – valorizando-se as gramáticas formais, estruturais, gerativas –, ora destacando a língua como uma enunciação – valorizando-se as gramáticas funcionais.

Castilho (1998, p. 12) lembra, ainda, o fato de que:

Os professores que têm trinta ou mais anos de idade aprenderam, na universidade, a considerar a língua como um fenômeno homogêneo, iniciando-se numa gramática formal (sobretudo estrutural), e tomando a sentença como seu território máximo de atuação

E prossegue o autor (1998, p. 12) dizendo que:

... a indagação lingüística atual parte de um entendimento mais rico da linguagem, postulada como um conjunto de usos, cujas condições de produção não podem ser esquecidas no momento em que se analisa seu produto. Disto resultou a constituição de uma nova área de estudos, a Pragmática... Um elenco de novas disciplinas veio somar-se à Fonologia, à Morfologia e à Sintaxe já conhecidas: a Sociolingüística, a Psicolingüística, a Análise da Conversação, a Semântica Argumentativa [ou Semântica da Enunciação], a Análise do Discurso, a Lingüística do Texto

Em nossa exposição, deixaremos de lado a chamada lingüística do enunciado – que abandona a consideração dos fatos sociais nos estudos lingüísticos – para nos fixarmos em algumas das disciplinas que se firmaram pela consideração do uso efetivo da língua.

2 Fatos de língua e fatos sociais na pesquisa

A relação entre fatores sócio-políticos e marcas lingüísticas do sistema já podia ser vista na tradição dos estudos históricos compreendidos muito antes de Saussure. A descrição feita pelos lingüistas históricos sempre levou em conta, por exemplo, a organização dos grupos, a dominação política e a oposição entre falares cultos e vulgares.

A seguir, passaremos a observar como a consideração desses fatos externos aparece em alguns estudos que buscam aproximar fatos de língua e fatos sociais, desta feita na perspectiva sincrônica característica deste século.

2.1 A tradição saussuriana

A própria lingüística saussuriana, ao propor a questão das relações internas ao sistema, influenciou fortemente outras áreas de estudo no campo das ciências humanas, tais como a teoria da literatura, a antropologia, o estudo dos sistemas de moda, etc. Foucault (1969) lembra também a contribuição da Lingüística no que se refere a uma Lógica Formal, para a qual seria possível propor uma lógica do real, mais do que centrar o estudo em relações de causalidade. O que está em jogo, nesse caso, é o abandono de um estudo dos dados do real que atentasse apenas para as relações baseadas em uma temporalidade meramente cronológica, em favor de uma lógica do real, baseada sobretudo nas relações que definem esses dados como tais. Das relações sistemáticas, surgiriam, portanto, os objetos de estudo e se poderia chegar a uma lógica do real.

2.2 A Sociolingüística

Com o desenvolvimento da Lingüística, várias subáreas foram desenvolvidas e marcaram, cada uma a seu modo, a aproximação entre fatos de língua e fatos sociais. Sem preocupação com uma ordenação cronológica, citamos como um primeiro exemplo o da Sociolingüística, definida como uma área de

estudos no interior da Lingüística e mais claramente constituída como tal nos anos 60. Talvez a formulação mais bem acabada sobre a constituição dessa subárea tenha sido feita em 1968, ano em que Weinreich, Labov & Herzog estabelecem os Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística.

Dentre esses fundamentos, destaca-se o de que a heterogeneidade das variações lingüísticas não é incompatível com a idéia de estruturação. Desse modo, todo falante nativo de uma língua reconheceria essa heterogeneidade lingüisticamente estruturada. Não se trata mais de assumir uma coletividade abstratamente constituída, portanto, nem mais de buscar um sistema homogêneo, mas de observar na heterogeneidade das variações, as condições de possibilidade das mudanças lingüísticas.

Ao contrário do que se poderia pensar, essa posição que advoga a heterogeneidade para o sistema não deixa de ser fortemente estruturalista. Um dos proponentes dessa tese, W. Labov (apud Rodrigues, 1987), trata do alcance das regras variáveis do sistema, aquelas que, segundo o autor, co-variariam com fatores sociais como sexo, idade, grau de escolaridade, classe social, raça e situação de uso (formal e informal) da língua. O autor afirma que as regras categóricas do sistema - aquelas que não estão sujeitas à variação - são as que predominam, restando apenas um pequeno número de itens lingüísticos (fônicos, morfo-sintáticos e lexicais) que estariam sujeitos à variação. Nota-se, tanto pela afirmação da heterogeneidade estruturada, como pela proposição de um predomínio das regras categóricas sobre as regras variáveis do sistema, a enorme e duradoura influência do pensamento saussuriano no que se refere às bases que resultaram na constituição da Lingüística como ciência.

No que se refere à Sociolingüística, porém, interessa lembrar que o método rigoroso, baseado em análises quantitativas sérias e em interpretações qualitativas de relevância social inquestionáveis – especialmente quanto a mudar o rumo do pensamento normativo dominante em relação à língua considerada como não-padrão –, ao mesmo tempo em que abre espaço para o estudo da heterogeneidade da língua, restringe-se a procedimentos de análise que

tomam o material lingüístico tal como se dá à observação. Essa atenção ao material empírico, em certo sentido também bastante louvável, ainda deixa, porém, de considerar fatores importantes como, por exemplo, a forma pela qual atua o domínio do falante nativo sobre as variedades da língua com que toma contato.

Segundo o que pensamos, esse *domínio do falante nativo* não corresponde a um domínio estrito do sistema e de sua heterogeneidade, mas a representações que o falante faz sobre as marcas lingüísticas próprias de cada variedade lingüística. E é justamente nesse ponto que o trabalho do sociolingüista encontra seu limite. Cabe a ele detectar as marcas empíricas das variações e propor – segundo fatores sociais mais ou menos pontuais – a interpretação dos seus dados. Antes de falar de seus limites, é preciso lembrar, porém, que: ligar uma variação a um dado nível de escolaridade, estabelecer empiricamente qual a norma de referência para uma dada comunidade, denunciar as exclusões sociais ligadas ao tipo de uso da língua não são, naturalmente, tarefas menores do sociolingüista³. Mas os empregos e o reconhecimento de variedades pelo falante são sempre representações que ele faz do interlocutor, do assunto e de si mesmo e funcionam, no uso concreto, como estratégias discursivas que o falante manipula quanto às escolhas (e exclusões) de palavras, de construções e de sentidos.

Estamos chegando, neste ponto, a uma outra perspectiva dentro da sociolingüística, a saber, a da sociolingüística interacionista. Nessa perspectiva, representada especialmente por Gumperz, a interpretação dos dados é feita a partir das relações entre interlocutores, fato que dá uma conotação pragmática às variações. Uma outra questão, porém, aparece. É a de como se dá a interação entre os interlocutores. Para abordá-la, vamos desviar um pouco o curso de nossa argumentação. Voltemos à tradição saussuriana e à idéia de funcionamento do sistema quando este é colocado em operação no discurso.

³ Conferir, a propósito, Bagno (1999).

2.3 A teoria da enunciação

Estamos entrando no campo da enunciação. Como vimos, a Lingüística tal como Saussure a concebe deveria preocupar-se com o funcionamento interno do sistema. Uma das principais referências quando se trata da lingüística do uso (e não do sistema) é Benveniste. Esse lingüista, mantendo a tradição estrutural, propõe, no interior do sistema, o que ele chama de *aparelho formal da enunciação*, composto de formas vazias que só são preenchidas em circunstâncias de uso. É o caso dos pronomes *eu* e *tu*, que todos usamos e que não designam privativamente a nenhum de nós, a não ser no momento exato em que pomos em funcionamento discursivo o sistema da língua. Nesse momento, marcam-se um tempo presente (um agora) e um espaço localizado no aqui da instância de discurso. O indivíduo biológico, que articula a fala, que a percebe pelo ouvido ao enunciá-la e recebê-la, transforma-se, no momento da enunciação, em algo mais que um ser dotado de órgãos mais ou menos específicos para essas funções. Torna-se sujeito do discurso. Não é por acaso que os pronomes que marcam o sujeito gramatical sejam tradicionalmente chamados de *pessoas do discurso*. É, na verdade, a pessoa socialmente⁴ definida que surge na instância de preenchimento dos pronomes. Reconhecido esse passo significativo na passagem da lingüística do sistema da língua para a lingüística da enunciação, dois caminhos principais aparecem em função da concepção desse sujeito do discurso.

O primeiro caminho - o do próprio Benveniste - parte de uma centralização do discurso no sujeito falante. Como centro do seu dizer e do sentido, ele é visto como auto-suficiente na tarefa da comunicação. A interação dar-se-ia, portanto, entre dois sujeitos em uma relação simétrica, ainda que com uma certa dominância do sujeito que fala (o eu como centro do dizer).

⁴ Neste ponto, divergimos da leitura que atribui a Benveniste uma visão estritamente psicologizante do sujeito da enunciação. Preferimos destacar, na formulação do autor, um passo teórico importante na direção da compreensão do sujeito como constituído em sua relação com o outro. É o que podemos depreender do próprio texto de Benveniste quando o autor diz que o sujeito *implanta o outro diante de si, qualquer que seja o grau de presença que ele atribua a este outro* [apud Chacon, 1996, p. 33 - cf. também (ibidem) a associação que Chacon faz entre essa afirmação de Benveniste e a constituição *dialética do único e do social*, proposta por Meschonnic]. Desse modo, reservamos nossa crítica à questão da centralização do dizer e do sentido no locutor (no *eu*), crítica que mencionamos na seqüência de nossa exposição.

Podemos, neste ponto, retomar o que falávamos sobre a sociolinguística-interacionista. Embora se deva destacar, a seu favor, a consideração de que o falante reconhece a especificidade da variedade linguística que é própria ao seu interlocutor e que, em seu próprio discurso, o encadeamento de variáveis é um dos elementos importantes na construção da significação; a idéia de interação aí contida pressupõe um sujeito que efetua com seu interlocutor uma negociação de sentidos. Não seria demasiado dizer que estamos novamente diante de um tipo de simetria entre os interlocutores, desta feita como construção social obtida pelo reconhecimento de ações recíprocas. Resta, pois, resolver o problema da abstração que se opera quanto à relação estabelecida entre os falantes, a saber, consideram-se as variedades dos interlocutores, defende-se que o falante reconhece a ação do outro, que submete a organização do seu discurso às variações, mas permanecem desconsiderados os lugares sociais que implicam uma relação de poder entre os falantes.

Uma outra posição dentro da teoria enunciativa, aquela abraçada pela Análise de Discurso francesa, defende que nenhum mecanismo de enunciação funciona sem a consideração de dois tipos de relação entre os falantes: as relações de sentido e as relações de poder (Pêcheux, 1990).

Esse segundo caminho trilhado por essa nova teoria da enunciação nega ao sujeito a centralidade do dizer e do sentido. Pelas relações de sentido, assumidas como presentes em todo discurso, afirma-se que nenhum discurso começa na primeira palavra que é dita nem termina no ponto final que o encerra. Um discurso nasceria sempre de um discursivo prévio, fruto de um processo discursivo, no interior do qual todo dizer está imerso. Trata-se, pois, da presença do interdiscurso, ou seja, da relação que todo discurso mantém necessariamente com algo que lhe é prévio. De outra parte, pelas relações de força, também assumidas como sempre presentes em todo discurso, afirma-se que nenhum discurso se dá por princípio de forma simétrica. Trata-se, ao contrário, de uma relação de dominância a que se dá num dado discurso – que pode ser mais assimétrico ou menos –, mas no qual há sempre, entre os interlocutores, de acordo com os lugares sociais que ocupam e das posições

enunciativas que representam esses lugares no discurso, uma relação de poder, seja ela manifestada como uma relação de acordo ou de conflito.

Apenas como um parêntese e para não deixar de tratar de um campo hoje em dia muito em voga nos estudos lingüísticos, vale a pena mencionar a área de estudos genericamente denominada Pragmática. Filiando-se a outro campo de conhecimento, o da Filosofia da Linguagem, também os estudos em Pragmática têm sido marcados por cisões e escolhas teóricas bastante diferentes entre si. A tradição inglesa está marcada em certas áreas da Lingüística – como a da Análise do Discurso e da Semântica da Enunciação – pela referência ao texto fundamental de Austin, *How to do things with words*, que, no Brasil, foi publicado com o título Quando dizer é fazer. A leitura mais comum desse texto destaca a consideração do ato de fala como uma ação que se faz ao dizer. As conseqüências dessa afirmação são enormes e vão desde a consideração do uso efetivo da língua, visto como o emprego da língua em certas circunstâncias específicas, até a redefinição de onde se situaria o sentido dos enunciados - não apenas nas palavras, mas nas pessoas, nos procedimentos ritualísticos e nas intenções dos falantes. A tradição americana em Pragmática, numa vertente que trabalha com as regras que regem a conversação, tem em Grice um de seus nomes principais. Nesta tradição, muito do que dissemos a respeito das relações simétricas entre os interlocutores no discurso torna a aparecer, especialmente em função do princípio fundamental da conversação defendido por aquele autor, a saber, o princípio da cooperação.

Gostaríamos de destacar que, no campo da Lingüística da Enunciação – na qual estamos incluindo a Pragmática, a Semântica da Enunciação e a Análise do discurso –, impõe-se, para o analista, a consideração da exterioridade da língua, exterioridade que se faz sempre presente no discurso. Na Análise do Discurso, por exemplo, estando cada discurso colocado num determinado ponto do processo discursivo, é preciso sempre determinar as suas condições de produção. Passa-se do funcionamento da língua para o funcionamento do discurso; do domínio da generalidade da língua (o universalmente válido para uma sociedade abstratamente concebida) para o domínio da particularidade do

discurso (o especificamente determinado, ao mesmo tempo, particular e geral, pois atinge um sujeito – em particular – e toda uma série de sujeitos – num plano mais geral – que são suscetíveis ao efeito de uma dada temporalidade discursiva que lhes faz sentido). A relação entre os fatos de língua e os fatos históricos e sociais se dá, portanto, de forma articulada ao que os analistas do discurso chamam de fatos discursivos. O discursivo estaria, portanto, situado entre a língua e a história.

Logo se vê a prerrogativa emancipatória em relação à Lingüística neste amplo campo de estudo caracterizado pela atenção à enunciação. Ficando ainda com a Análise do Discurso como exemplo, podemos dizer que, em seu desenvolvimento, ela tem-se mostrado cada vez mais como um campo limítrofe entre a Lingüística, a Sociologia, a História e a Psicanálise.

Pode-se dizer, portanto, que a Análise do Discurso se constitui a partir de uma dupla apropriação: (a) daquilo que funciona como estrutura na língua; e (b) do funcionamento dessa estrutura no fato sócio-histórico de uma prática discursiva. Feita a apropriação do que é lingüístico no funcionamento de uma prática, muitos analistas do discurso passaram, porém, a recusar a Lingüística como uma referência científica obrigatória e, como é de praxe na história da institucionalização das ciências, por circunstâncias de várias naturezas, passaram a ocupar mais espaço na reflexão sobre a linguagem. Seu espaço de afirmação sobre o que seria o verdadeiro em termos da linguagem aumentou, ou seja, a Análise do Discurso se institucionalizou.

No atual estágio, vemos uma tendência à afirmação de uma área de estudos com muito alcance teórico, com muitas possibilidades de aplicação prática, mas sob o risco de – no caso de não saber enfrentar o processo necessário, mas perigoso, da territorialização intutucional - vir a constatar essa territorialização em seu próprio método. Várias análises do discurso passaram também a compor o quadro da disciplina, freqüentemente com diferenças teóricas significativas. Apenas para situar as relações entre a Lingüística e a Análise do Discurso, pelo menos três perspectivas podem ser destacadas: uma primeira que vê a AD como a ruptura mais radical em relação aos pressupostos da Lingüística; outra que vê

a AD como parte da Lingüística, constituindo o que se poderia chamar de uma Lingüística do Discurso; e uma última que vê a Análise do Discurso lado a lado com a Lingüística, constituindo um campo no interior das Ciências da Linguagem.

Mais próximos da terceira proposta, parece-nos bastante saudável trazer de volta à convivência dos analistas do discurso o produto propriamente lingüístico das práticas sociais, ou seja, trazer a Lingüística de volta. Afinal, como uma das relações interdisciplinares⁵ mais importantes na constituição da Análise do Discurso, ela tem ficado, em vários momentos, bastante esquecida, especialmente pelos analistas do discurso da primeira corrente. Essa retomada da interdisciplinaridade que constituiu a AD tem, na atualidade, a oportunidade histórica de se fazer também em relação a outros campos de conhecimento.

3 A pesquisa transdisciplinar

Passamos, neste ponto, a falar sobre o que temos feito na direção de uma pesquisa que procura associar fatos lingüísticos e fatos sociais. De nossa parte, trabalhamos com Lingüística Aplicada (LA), um campo de estudo que, por suas preocupações teóricas e práticas, se define basicamente como um campo multidisciplinar e que, por isso mesmo, precisa constantemente recorrer a outras áreas de conhecimento.

⁵ Cabe, aqui, um esclarecimento. Estamos entendendo por interdisciplinaridade a relação entre duas ou mais disciplinas, enquanto efeito de constituição de uma terceira. No caso da Análise do Discurso, a relação interdisciplinar que deu base a sua constituição foi a estabelecida entre a Lingüística e a História, fato que resultou no estudo dos *processos discursivos* e que desencadeou uma busca de outros campos de contato, fazendo aparecer um campo de estudo muito vasto, mal designado como o campo próprio da Análise do Discurso, que passou a dar nome ao lugar vazio das práticas científicas transdisciplinares ao requisitar para si a articulação entre diversos campos de conhecimento. Segundo o que pensamos, tanto no caso da Análise do Discurso, como, por exemplo, no caso da Lingüística Aplicada – esta última já desgarrada de sua origem na Lingüística e definida, em razão de sua natureza aplicada, pela detecção de problemas ligados às diversas práticas discursivas, para os quais as soluções teóricas são buscadas pelo contato e pela consideração da especificidade de outros campos de conhecimento – o que há são campos de estudos multidisciplinares, no interior dos quais o contato com campos (mais ou menos afins) de conhecimento pode ser feito pela superação dos limites das disciplinas – mas não de sua especificidade –, ultrapassagem de fronteiras que constitui as práticas transdisciplinares. Não é difícil ver em outras disciplinas como a História e a Sociologia o mesmo caráter de campo multidisciplinar. A eficácia teórica e as conseqüências práticas dessa nova prática científica estão ainda por ser constatadas, mas as perspectivas são muito animadoras.

Nossa tentativa atual se resume em compormos, com mais três pesquisadores, um grupo de estudos⁶, ainda informalmente constituído, mas já com trabalhos desenvolvidos e apresentados em congresso. Nesse grupo, procuramos observar as práticas discursivas como práticas sociais inseparavelmente ligadas aos campos da Lingüística, da Lingüística Aplicada, da História e das Ciências Sociais. O grupo caracteriza-se por uma pesquisa transdisciplinar e a questão de partida é a da construção dos dados para análise, fato que se revelou como um problema já na constituição do objeto da Lingüística e das ciências humanas em geral. Nossa pretensão é fugir aos limites que as ciências humanas se impuseram ao lidar com seus materiais para análise como dados oferecidos como tais à observação. Desse modo, pretendemos fugir aos limites que uma observação pré-teórica dos dados impôs às disciplinas científicas no campo das ciências humanas⁷.

Para situarmos o que entendemos por pesquisa transdisciplinar, falaremos um pouco mais sobre o tipo de pesquisa científica levada pela LA, campo de estudo que, como dissemos, procura escapar dos limites canônicos de uma disciplina. Nos estudos em LA feitos no Brasil, essa discussão tem sido muito presente, particularmente a partir da década de 90.

Tida, por muito tempo, como uma subárea da Lingüística, a LA caracteriza-se por uma contribuição aos estudos da linguagem necessariamente informada pelos dados que analisa. Não há pesquisa básica ou teórica em LA se não houver um diálogo entre os fatos de língua e uma prática discursiva determinada. Para dizer de outro modo, fato de língua e fato social se aproximam de uma forma especial nas pesquisas em LA e essa aproximação traz questões que requerem a contribuição de áreas vizinhas.

⁶ Grupo de estudos, informalmente constituído desde o 1º semestre de 1998, sobre *A comunicação via Internet como material de pesquisa: a construção de dados para uma abordagem transdisciplinar* com a participação dos pesquisadores: Flávia Millena Biroli (Unicamp-SP), Marcos César Alvarez (Unesp-Marília-SP) e Lourenço Chacon Jurado Filho (Unesp-Marília-SP).

⁷ Devemos essa observação à contribuição feita pessoalmente por Flávia M. Biroli.

Há, em *Linguística Aplicada*, quem veja essa atenção ao dado especialmente sob o ângulo da oposição teoria e prática. Dessa perspectiva, há quem afirme que as pesquisas em LA favorecem a fusão entre pesquisa básica e pesquisa teórica. Essa parece ser, por exemplo, a posição de Moita Lopes (1998). Posição semelhante é defendida também por Celani (1998, p. 133), que considera esse tipo de investigação - tendo em vista sua preocupação

com o social, com o humano - uma pesquisa - ao mesmo tempo teórica e aplicada, situando-se entre o domínio da pesquisa fundamental, em que prevalece a busca do saber por si mesmo, e o domínio da ação informada, em que predomina o útil, o prático, a eficácia.

Nos últimos dez anos, passou-se a discutir, em LA, a conveniência de uma pesquisa transdisciplinar, destacada por Serrani-Infante (1998, p. 143-4), “para aprofundar a compreensão de processos estudados, e para problematizar conceituações e procedimentos metodológicos em mais de uma disciplina...”. O destaque a essa mesma linha de raciocínio é dado também por Signorini (1998, p. 99-100), para quem a LA

tem se configurado ... como uma espécie de interface que avança por zonas fronteiriças de diferentes disciplinas, não somente na área dos estudos da linguagem, como também na da Psicologia, da Sociologia, da Antropologia, da Pedagogia, da Psicanálise, entre outras.

Destaque-se ainda que, segundo Celani, (1998, p. 132-3, grifo no original).

transdisciplinaridade envolve mais do que a justaposição de ramos do saber. Envolve a coexistência em um estado de interação dinâmica,... A mera justaposição de saberes não leva à interação, condição essencial para a transdisciplinaridade. E parafraseando Serrani, a autora continua: “não se buscam contribuições de outras áreas, mas sim, a participação ativa de pesquisadores das áreas envolvidas, a fim de se dar conta da problematização que a abordagem do objeto de estudo proposto provoca em cada área.

Pensando na participação ativa de pesquisadores das várias áreas envolvidas, tomamos como material para análise, em nosso grupo de estudos, o fórum Índio Pataxó, veiculado pela Internet, e a questão teórica que mobiliza pesquisadores vindos da Sociologia, da História, da Lingüística e da Lingüística Aplicada é, como dissemos, a da construção dos “dados” para análise a partir dessa visão transdisciplinar.

Até o momento, estivemos às voltas com o modo pelo qual as fontes do lingüista, do sociólogo e do historiador podem ser enganosas quando simplesmente rotuladas como fontes orais, fontes escritas ou fontes digitalizadas. Constatamos, em três trabalhos (Biroli, 1999, Alvarez, 1999 e Corrêa, 1999), que a escrita na Internet é heterogeneamente constituída, marcada por representações do internauta sobre o que é uma conversação face a face e sobre o que é a escrita codificadora da norma padrão da língua. Constatamos que o internauta circula por essas representações no interior de uma mesma mensagem, de onde concluímos, entre outras coisas, que as noções de fonte oral e de fonte escrita podem ser colocadas em xeque sempre que se considera algo mais do que o simples material semiótico (o som ou a grafia) que dá base ao registro da língua.

Diante dessa constatação, atribuímo-nos – mais do que a análise plana do material posto à observação – o papel de analisar o que a flutuação presente no texto do internauta poderia revelar das posições enunciativas por ele assumidas. É certo que, ao assumi-las, ele se inscreve em práticas discursivas que, em processo na sociedade, deixam lugares vagos para o preenchimento pelos sujeitos do discurso e para sua identificação. Desse modo, o analista, ao colocar-se diante de uma fonte oral, de uma fonte escrita ou de uma fonte digitalizada, não pode pensar apenas nas características ingenuamente atribuídas a cada um desses modos de apresentação da língua, mas construir seus dados com base nas contribuições das várias disciplinas, aqui exemplificadas pela contribuição da Lingüística no que se refere ao modo de apresentação da língua quanto à relação entre as suas modalidades oral e escrita.

A especificidade do meio em que o fórum Índio Pataxó é

veiculado impõe, portanto, aos analistas de diferentes campos, uma atenção que é, ao mesmo tempo, lingüística (pois, como recurso básico da comunicação, é a língua que está em jogo, em um modo particular de apresentação); discursiva (pois são os processos discursivos que estão presentes nas escolhas e exclusões das palavras, das construções e dos sentidos); social (pois são uns e não outros os lugares sociais que permitem tomar uma posição enunciativa num determinado meio de comunicação) e histórica (pois não há discurso sem o recurso às práticas discursivas já constituídas, sempre recuperáveis na atualidade de seu retorno).

Logo se vê que as análises parciais dos lingüistas, dos analistas do discurso, dos cientistas sociais e dos historiadores são, de fato, apenas análises parciais. A esse respeito, é bom lembrar as tentativas de aproximação que os pesquisadores de diferentes áreas sempre fizeram de puxar a brasa para sua sardinha. Esse procedimento, que busca unificar os dados no interior de uma única disciplina, caracteriza a prática científica dominante, mas já tem, nas tentativas isoladas das práticas científicas transdisciplinares, um contraponto que não podem mais desprezar.

Para encerrar, deixamos a palavra com Foucault (1969, p. 255 , tradução nossa)

... a lingüística se articula atualmente [em 1969!] com as ciências humanas e sociais por uma estrutura epistemológica que lhe é própria, mas que lhe permite fazer aparecer as relações lógicas no seio do real; de fazer aparecer o caráter se não universal pelo menos extraordinariamente extenso dos fenômenos de comunicação, que vão da microbiologia até a sociologia; de fazer aparecer as condições da mudança graças às quais podem-se analisar os fenômenos históricos; e, enfim, de empreender ao menos a análise do que se poderiam chamar as produções discursivas.

Referências Bibliográficas

- AUSTIN, J.L. *Quando dizer é fazer*. Trad. de Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- ABAURRE, M.B.M.; FIAD, R.S., MAYRINK-SABINSON, M.L. *Cenas de aquisição da escrita. Campinas (SP): Associação de Leitura do Brasil (ABL)/Mercado de Letras, 1997.*
- ALVAREZ, M.C. Entre a estrutura e a prática social: o fórum “Índio Pataxó” e a construção dos dados pela Sociologia. Trabalho apresentado no III Encontro de Língua Falada e Escrita. Maceió (AL), 1999.
- BAGNO, M. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 1999.
- BENVENISTE, É. *Problemas de lingüística geral*. São Paulo : Nacional/EDUSP, 1976.
- BIROLI, F.M. O fato na mídia e a mídia como fato: o fórum “Índio Pataxó” como fonte histórica. Trabalho apresentado no III Encontro de Língua Falada e Escrita. Maceió, 1999.
- CASTILHO, A.T. *A língua falada no ensino de português*. São Paulo : Contexto, 1998.
- CELANI, M.A.A. Transdisciplinaridade na lingüística aplicada no Brasil. In: _____. *Lingüística Aplicada e transdisciplinaridade: questões e perspectivas*. Campinas (SP) : Mercado de Letras, 1998. p. 129-142.
- CHACON, L. *Ritmo da escrita: uma organização do heterogêneo da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- CORRÊA, M.L.G. O modo heterogêneo de constituição da escrita. Campinas, 1997. Tese (Doutorado em Lingüística) - Instituto de Estudos da Linguagem - Universidade de Campinas.
- CORRÊA, M.L.G. Dados lingüísticos e discursivos no fórum “Índio Pataxó”: primeiras discussões. Trabalho apresentado no III Encontro de Língua Falada e Escrita (ELFE), realizado na UFAL - Maceió, no período de 12 a 16/04/99.
- DUCROT, O. *Estruturalismo e Lingüística*. 2ed. São Paulo : Cultrix, 1971.
- FOUCAULT, M. Linguistique e sciences sociales. *Revue Tunisienne de Sciences Sociales*, n. 19, 1969, p. 148-255.
- _____. *L'ordre du discours*. Paris : Gallimard, 1971.

- FUCHS, C., LE GOFFIC, P. *Les linguistiques contemporaines: repères théoriques*. Paris: Hachette, 1992.
- GRICE, H.P. Lógica e conversação. In: DASCAL, M. (Orgs.) *Fundamentos metodológicos da lingüística: pragmática (problemas, críticas, perspectivas da lingüística)*. Campinas: IEL-UNICAMP, 1982, p. 81-103. (Edição financiada pelo organizador, com a colaboração do Departamento de Lingüística).
- GUMPERZ, J. J. *Discourse strategies*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.
- ILARI, R. *Lingüística românica*. 2.ed. São Paulo: Ática, 1997.
- KLEIMAN, A. B. O estatuto disciplinar da Lingüística Aplicada: o traçado de um percurso, um rumo para o debate. In: _____. *Lingüística Aplicada e transdisciplinaridade: questões e perspectivas*. Campinas (SP) : Mercado de Letras, 1998, p. 51-77.
- MARCUSCHI, L.A. Premissas para um tratamento adequado da oralidade e da heterogeneidade lingüística no ensino de língua materna. In: _____. *O tratamento da oralidade no ensino de língua (em preparação)*, [s.l.:s.n.], 1994, p. 1-14 (xerox).
- _____. Oralidade e escrita. (Texto da Conferência pronunciada no I Colóquio Franco-Brasileiro sobre Linguagem e Educação. UFRN, 26-28 de junho, 1995, p. 1-17).
- MOITA LOPES, L. P. da. A transdisciplinaridade é possível em Lingüística Aplicada? In: _____. *Lingüística Aplicada e transdisciplinaridade: questões e perspectivas*. Campinas: Mercado de Letras, 1998, p. 113-128.
- PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso. In: GADET, F., HAK, T. (Orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: UNICAMP, 1990, p. 61-162.
- RODRIGUES, A. C. de S. *Concordância verbal no português popular em São Paulo*. São Paulo, 1987. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo.
- SERRANI-INFANTE, S. Abordagem transdisciplinar da enunciação em segunda língua: a proposta AREDA. In: _____. *Lingüística aplicada e transdisciplinaridade: questões e perspectivas*. Campinas: Mercado de Letras, 1998, p. 143-167.

- SIGNORINI, I. Do residual ao múltiplo e ao complexo: o objeto da pesquisa em Linguística Aplicada. In: _____. *Linguística aplicada e transdisciplinaridade: questões e perspectivas*. Campinas: Mercado de Letras, 1998, p. 99-110.
- VEYNE, P. *Comment on écrit l'histoire (suivi de: Foucault révolutionne l'histoire)*. Paris: Éditions du Seuil, 1971.
- VERÓN, E. *A produção do sentido*. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1980.
- WEINREICH, U., LABOV, W., HERZOG, M. I. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, W. P., MALKIEL, Y. (Ed.) *Directions for historical linguistics: a symposium*. Austin & London : University of Texas Press, 1968, p. 97-195.